

LA NOTTE BRAVA / 1959

Um filme de Mario Bolognini

Realização: Mauro Bolognini / **Argumento:** Pier Paolo Pasolini / **Fotografia:** A. Nannuzzi / **Música:** Piero Piccioni / **Intérpretes:** Laurent Terzieff (Ruggeretto), Jean-Claude Brialy (Scintillone), Franco Interlenghi (Bella-Bella), Anna Maria Ferrero (Nicoletta), Elsa Martinelli (Anna), Antonella Lualdi (Supplizia), Tomas Milian (Achille), Rosanna Schiaffino (Rossana), Mylène Demongeot (Laura).

Produção: AJACE/Franco-London / **Cópia:** dcp, preto e branco, versão original com legendas em inglês e legendada eletronicamente em português, 94 minutos / Inédito comercialmente em Portugal (exibido pela RTP).

De Mauro Bolognini, o realizador de **La Notte Brava**, já exibimos aqui na Cinemateca o filme **Il Bel' Antonio**, feito imediatamente a seguir ao que vamos ver. Os dois filmes têm em comum entre si, e com o que lhes é anterior, **La Giornata Balorda**, o nome de Pier Paolo Pasolini, e todos eles o que têm de positivo e interessante deve-se exclusivamente ao escritor e poeta, argumentista e futuro realizador.

Bolognini foi, no cinema italiano, um nome sobreevalorizado. Será preciso ir ao começo da sua carreira e comparar os filmes que fez com os que lhe deram fama, para se compreender o equívoco, e lamentar que ele não tenha prosseguido na via do cinema popular que cultivava, e bem, para se entregar a um cinema "complexo" e "ambicioso" para o qual não tinha asas. Entre os primeiros filmes há trabalhos honrados que não envergonham qualquer mestre da comédia (um Risi e um Comencini), como **Gli Innamorati/Os Enamorados** (1955) e **Giovani Mariti/Jovens Maridos** (1956) ou do cinema de aventuras (um Freda e um Cottafavi), como **I Cavalieri della Regina** (1955). Mas em 1959, arrastado pelos ventos dos "cinemas novos" procura enveredar pelos caminhos do "realismo" que de novo se impunha com os filmes de Valerio Zurlini (**Estate Violenta/Um Verão Violento**), Rosi (**La Sfida/Fúria de Ambições, I Magliari/Os Traficantes**), Maselli (**Gli Sbandati/Os Evadidos**). Intenção louvável para a qual encontrou o cúmplice certo, Pasolini. O resultado do trabalho em comum (**La Giornata Balorda, La Notte Brava e Il Bel' Antonio**) recorda o que décadas antes levou Preston Sturges a começar a dirigir os seus argumentos, expresso por palavras do autor de **Sullivan's Travels/A Quimera do Riso**: que passava à direcção para os salvar dos "incompetentes" que os estragavam. Passando para o campo em que nos encontramos, apetecia dizer que Pasolini passou para a realização (em 1961 com **Accatone** já depois da trilogia "bologniniana") para evitar que mais alguma história sua sofresse os mesmos tratos de polé.

O que tem **La Notte Brava** de Pasolini? Tem o "meio" (Roma e os subúrbios, com as prostitutas nas estradas à espera de clientes), tem aquela "sobreposição" física e psicológica da cidade sobre o campo de que aquele "zona" serve de "patamar" (recorde-se o meio em que vive **Mamma Roma** com o seu filho, e os sonhos dela de abandonar a zona, que se concretiza com a compra do apartamento). Tem as personagens masculinas, chulos e pequenos ladrões vivendo o dia a dia de pequenos golpes, tem a sua dimensão "tragi-

cómica" e o "fastio", a "noia" que contamina tudo e todos. Tem singulares personagens que se assemelham a "anjos caídos" que antecipam **Accatone**.

Então, no fim de contas, tem tudo! Não. Tem a fachada apenas, o perfil desenhado pelo argumentista. O interior dos traços que os desenharam encontra-se quase vazio. Aqui a responsabilidade cabe inteiramente a Bolognini tanto pela incapacidade de "preencher" esse espaço e saber compreender certos comportamentos (caso flagrante de superficialismo da parte de Bolognini é o personagem de Tomas Milian, o "menino rico" na cena do seu telefonema a uma amiga anunciando-lhe a "carne fresca" que tem em sua casa, e dando o nome de animais aos seus novos amigos: "hiena, chacal, leão, tigre"). Mais grave ainda é a o facto do filme no seu interesse em se impor como co-produção utilizar actores franceses em papéis de dois dos "vadios": Jean-Claude Brialy e Laurent Terzieff, o que contrasta profundamente com as figuras criadas por Pasolini.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico